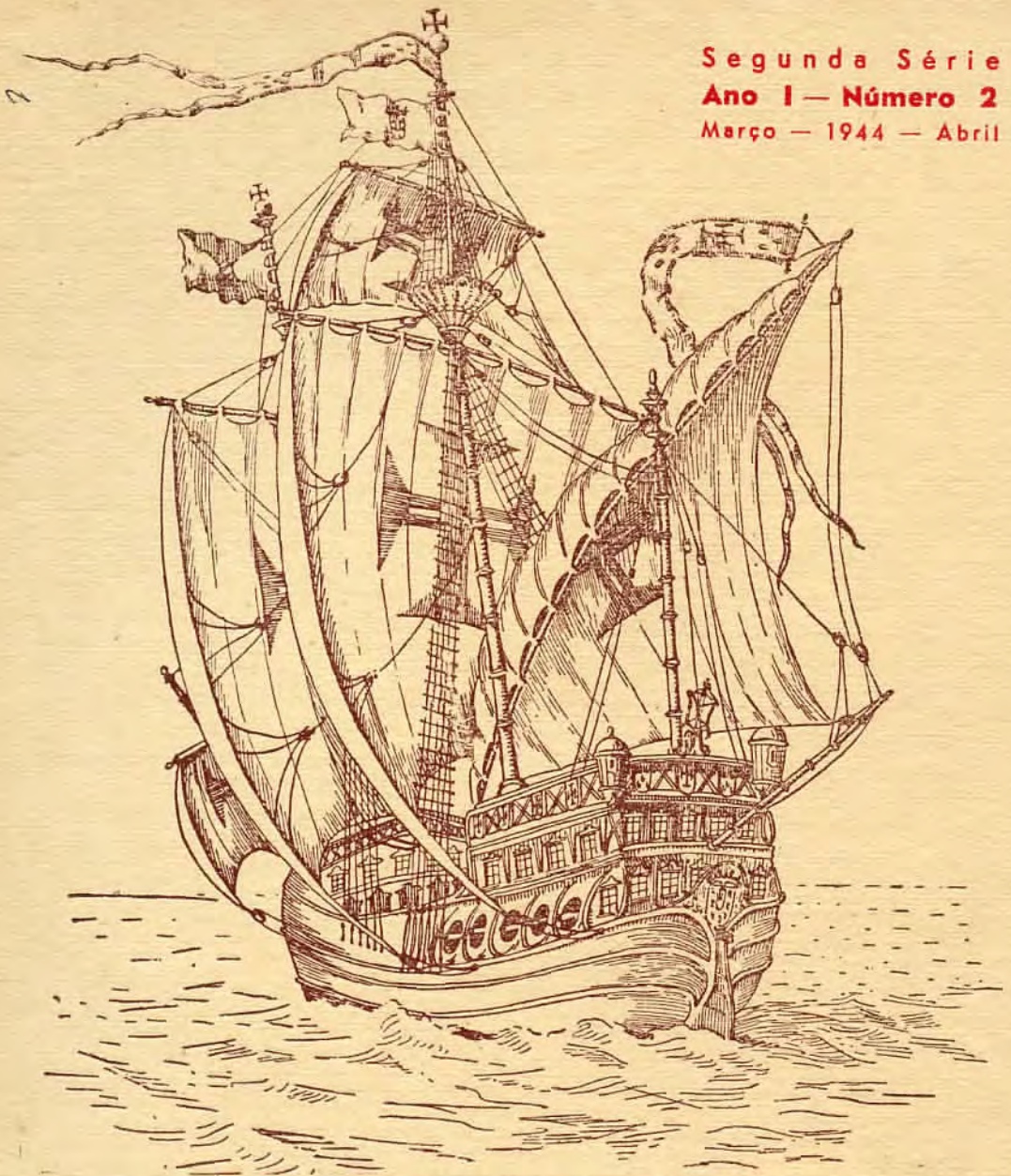


Segunda Série
Ano I — Número 2
Março — 1944 — Abril



PORTUGAL
EM AFRICA
REVISTA DE CULTURA MISSIONARIA

As aves em algumas das superstições indígenas da Guiné e de Cabo-Verde⁽¹⁾

pelo Dr. António de Almeida

Professor da Escola Superior Colonial
Bolseiro do Instituto para a Alta Cultura



Em Cabo-Verde, na Guiné, como na serra da Lousã, há abutres — aves muito estimadas pelos Egípcios, por êles nomeadas galinhas do Faraó; mercê dos grandes serviços prestados na destruição dos cadáveres abandonados e de outros despojos e sujidades, figuravam-nas nos monumentos e rendiam-lhes culto. Também nenhum Yatenga ousaria comer a carne de abutre.

Tinha-se por criminoso quem abatesse um abutre, tal qual o que hoje ainda acontece em certos países do Oriente; actualmente, alguns Muçulmanos ricos e os Pachás gastam, diariamente, ou legam em testamento grandes quantias para alimentar certo número destas aves (Shaw).

Fácilmente domesticáveis, continuam a ser agentes de limpeza das povoações orientais, acompanhando as caravanas que se destinam a Meca, com o fim de apanhar os restos e dejectos humanos.

Atribuem-se ao corpo desta espécie ornitológica miríficas propriedades terapêuticas; com fel destilado preparam-se mèsinhas para as dores de ouvidos, constituindo a bilis infalível antídoto do veneno das serpentes e escorpiões.

Quem se lavar na água em que, anteriormente, se tiver banhado a umbreta do Senegal, fica, fatalmente, afectado de erupção cutânea; quando se atira às abertadas — aves, igualmente, conhecidas, entre os Fulas, pelo nome de galinhas do

(¹) Continuação da pág. 39.

Faraó, e que, como os Tuaregues, não ingerem nunca — e não sendo atingidas, a espingarda utilizada rebentará irremediavelmente (Rousselot).

Mas nem só as aves de mau preságio ou perniciosas vivem nas duas Colónias portuguesas a que nos estamos referindo; o martelo ou espécie de poupa, o cuco indicador ou pássaro do mel, o pombo da Guiné e o pelicano são animais muito queridos dos naturais. A garça bovina, o pica-bois e a alvéola amarela também suscitam affecto devido aos bons serviços que prestam aos mamíferos domésticos, defendendo-os dos parasitas (Rousselot).

Enquanto na Europa a poupa é mal vista e perseguida — por se alimentar de excrementos humanos — no Egipto e na África ocidental já merece o melhor carinho; por isso, os Maometanos e os observadores da lei de Moisés se recusam a ingerir a carne dêste pássaro, ainda que gorda e bem saborosa.

Entre os Manjacos e Brames, o martelo elevou-se à categoria de ave sagrada, mercê de ponderosas razões concretizadas na curiosa lenda que, a seu respeito, conta Sacramento Monteiro. Sobreveio um ano de fome, chegaram as chuvas e não havia arroz para semear. Procuraram-no por toda a parte, mas a crise fôra tamanha que não conseguiram as almejadas sementes, sem as quais adviria um ano ainda de maior miséria.

Um grupo de homens mais destemido, enfrentando todos os perigos, subiu o rio Cacheu em pequeno barco; depois de decorrido bastante tempo, quasi desesperados de alcançar algum bago de arroz, seus olhos ansiosos descobriram em uma das margens um ninho de martelo, repleto da apetecida gramínea.

Recolheram, carinhosamente, o cereal, como coisa preciosa que era, e após prepararem o canteiro, semearam o arroz; germinou e cresceu bem, e já algo crescidos, os colminhos foram transplantados com o maior cuidado e devoção para a bolanha ou campo encharcado.

E, porque, a ave providencial lhes guardara as sementes abençoadas, o arrozal frutificou excelentemente, qual novo milagre da multiplicação dos pães. Eis o justo motivo por que o martelo se celebrou tanto, tornando-se a ave divina e protectora dos Manjacos e Brames.

Em regiões bem providas de mel — de abelhas domésticas e silvestres, acumulado em colmeias artificiais e naturais: tocas de árvores, sob o solo, etc. — o melhor guia para encontrá-las nas florestas africanas é uma ave que aí habita, por esse motivo conhecida pelo nome de cuco indicador ou pássaro do mel.

Quando está perto da colmeia, pousa em árvore vizinha, grita, bate as asas, chamando a atenção das pessoas, e logo que se apercebe de que foi visto, sempre cantando, salta de ramo em ramo até ao local onde se posta o cortiço, redobrando seu cantar.

Aguarda que seja extraído o mel — quasi sempre com o auxílio de fogueira

fumarenta, que afugenta e destrói os insectos himenópteros — e, finda a operação, a ave banquetea-se com os restos do mel e com os ovos das abelhas.

Devido a estas judiciosas razões, nenhum indígena molesta o cuco indicador — seria imperdoável ingratidão para com amigo tão devotado, dizem os Bosquímanos do sul de Angola

Várias espécies de cucos que, na primavera, emigram para a Europa, vivem na África, mas julgamos que com estas trepadoras se não relacionem quaisquer lendas de feição sexual, aliás, bem conhecidas no nosso país.

A instabilidade afectiva e o pouco respeito conjugal que a fêmea, desmazelada e incapaz de construir seu ninho e de cuidar dos filhos, vota ao cuco macho — o qual, por sua vez, se vinga, atraíndo-a com fêmeas de outros provisórios e inconstantes casais — chamam a atenção dos nossos camponeses para ave tão anormal em usos e costumes, alcunhando até com o seu desonroso nome, os esposos de mulheres adúlteras e, muito injustamente, aliás, também, em certas localidades, os guardas de segurança pública.

Talvez sejam estes defeitos do cuco que o acreditaram como casamenteiro de rapazes e raparigas das aldeias provincianas do Norte de Portugal. Ao ouvirem cantar a ave, os jovens interrogam-na assim: «Cuco ramalheiro, ¿quantos anos me dás de solteiro?» E as raparigas dirão: «Cuco da ramalheira, ¿quantos anos me dás de solteira?» O número de vezes que a ave cantar depois da pergunta, corresponderá aos anos que faltam para contraírem esponsais.

Na região de Braga, o cuco tem grande merecimento para os adolescentes do sexo masculino, visto trazer-lhes o bigode, a tão desejada manifestação viril, atestado inconfundível de breve serem adultos e de já poderem escolher noiva.

Creemos que estas superstições, ligadas à vida matrimonial, não existem em Cabo-Verde e Guiné; nesta última possessão, visto que a gente nova celebra o casamento após o *fanado* ou circuncisão, — cujo cerimonial se realiza por volta dos dez-quinze anos de idade — nunca esperou pelo aparecimento da barba, que, aliás, se mostra sempre muito mais tarde ou é tão escassa que mal se dá por ela.

Desde eras recuadas que os pombos vêm sendo muito queridos, quer por fazerem comunicações a grandes distâncias, quer por constituírem símbolo das mais nobres qualidades morais (Brehm).

Como é geralmente sabido, para os povos europeus, é de mau preságio que os pombos pousem nas janelas e, se alguém, tendo estas aves, delas se desfizer, não tardará em cair em desgraça ou em sofrer grandes desgostos.

Na Guiné, os pombos, domesticados ou não, uns e outros em abundância, suscitam grande consideração aos prosélitos de Maomé, conforme se reconhece no conteúdo da lenda referida por Rousselot. O profeta, perseguido pelos seus

inimigos, refugiu-se numa gruta, aberta em rochedo escarpado, à entrada da qual uma pomba chocava no ninho e que se não assustou com a sua presença.

Entretanto, chegaram os perseguidores e a ave espantou-se; entenderam não entrar na gruta porquanto, concluíram, se o profeta se houvesse acolhido ali, certamente que a pomba teria deixado o ninho. Todavia, a pomba da Guiné não aninha nas rochas, circunstância que não diminui em nada a aura de espiritualidade que rodeia tão simpático animal.

Os pelicanos freqüentam as correntes de água da Guiné, mòrmente nas margens dos rios de Cacheu e Geba; os indígenas não praticantes do maometismo caçam estas aves, utilizando-as em suas refeições. Contudo, contra a lei expressa do Alcorão, muitos Árabes não se privam de ingerir a carne desta palmípede.

Grandes bebedores de água — absorvendo cêrca de dez litros de uma vez e, por isso, apropriadamente nomeados pelos Egípcios camelos do rio — os pelicanos são figuras de relêvo no folclore muçulmano. Assegura-se que, estando a edificar o templo de Meca, por carência absoluta de água para os pedreiros amassarem o barro, haveriam de suspender-se os trabalhos, se não pudesse carrear-se o líquido das nascentes, situadas a enorme distância da construção.

Imploraram a Alá tão instante providência e, tendo sido atendidos, breve lhes foram enviados numerosíssimos pelicanos com seus sacos guturais cheios da linfa indispensável, que bastou para a continuação e complemento das obras do templo.

E não virá fora de propósito aludir aqui à comum afirmação de que os pelicanos, à falta de outro alimento, abastecem os filhos com o próprio sangue; porque nutrem a prole com alimentos semi-digeridos no sacco gutural — e, para o esvaziarem, lançando a comida na bôca dos filhos, hão-de comprimi-lo com o bico contra o peito — vá de imputar-lhes invulgares predicados paternais que, na realidade, não possuem.

Convivendo com os ruminantes, a garça bovina da Guiné, o pica-bois, pousa no dorso dos animais domésticos ou selvagens, trepando pelos membros em busca dos insectos adultos ou de suas larvas, que infestam o corpo daqueles e pululam nas feridas ou em outras lesões (Rousselot); tanto as espécies pecuárias como a grande maioria dos povos indígenas, reconhecendo os préstimos destas aves, olham-nas com merecida simpatia. Na ilha do Fogo, gorduras de garça e de ghou-ghou, em fricções, ou defumadouros, misturadas com excremento bovino, constituem afamadas medicações para o reumatismo (Lereno).

A alvéola ou lavadeira — nome dado pelos Franceses, em virtude de freqüentarem os lugares onde as mulheres costumam lavar as roupas, imitando com a nervosa cauda os movimentos executados por aquelas — em África, mòrmente a alvéola amarela ou pastorinha dos Fulas, incute admiração aos nativos, por andar pousada em cima dos gados à cata dos parasitas, acompanhando-os até aos bebe-

douros. Na Metrópole, as alvéolas, que seguem de perto o arado do lavrador, em demanda de pequenos vermes e insectos de que se sustentam, inspiram estima, não apenas por serem úteis à agricultura como ainda pela nobilíssima atitude tomada para com a Sagrada Família, quando da sua partida para o Egipto, sob a feroz perseguição de Herodes.

Transcrevamos a deliciosa lenda do Norte de Portugal, tal como a conta Emília de Sousa Costa.

«Iam Nossa Senhora e o Menino Jesus montados numa burrinha e acompanhados por S. José, a caminho do exílio, e de pouso em pouso, uma levandisca saltitava em volta dos viandantes.

«Nossa Senhora manifestou a S. José o legítimo temor de que os seus inimigos descobrissem o caminho seguido por êles, auxiliados pelas pègadas da jumenta; a alvéola, ouvindo tão triste confissão, aproximando-se da Virgem Maria, segredou-lhe num melodioso gorgear: não tendes medo, pois que com a minha cauda tenho desfeito o rasto da vossa passagem, sem ficar o menor indício.

«A Mãe de Jesus, profundamente sensibilizada, abençoou o passarinho, declarando: Deus te abençoa, à alvéola! Terra má onde pouses, será farta e boa! Por isso, quem maltratar a alvéola, nunca mais terá boa sorte, porque será amaldiçoado.»

De modo inverso procedeu o chasco — o pássaro maldito — porque, com o seu desarmónico cantar, indicou aos soldados de Herodes o carreiro por onde havia passado a Sagrada Família, dizendo: chás, chás, por aí bem vós! Se até na língua portuguesa o nome dêste dentirrosto é sinónimo de motejo e escárneo!...

Lavadeira ou borrelho se chama ainda a uma palmípede, vulgar na Europa, a que se atribui a propriedade de curar a icterícia; basta olhar para o doente e que êste tenha fé, e a côr amarela desaparecerá, indo depositar-se nos olhos da ave (Figuer).

A título de curiosidade, ainda que de passagem — tão escassos são os elementos etnográficos de que dispomos — falaremos de outras aves, algumas mais frequentemente observáveis na Guiné, do que em Cabo-Verde: rôlas, gangas, perdizes, calãos, senegalis, flamengos, águias, falcões, jagudis, secretários, paguins, tucanos, grou, rabos de junco, colibris, gralhas e papagaios.

A rôla, emblema da mansidão e da doçura, avezinha que, como outras da sua corpulência, é vítima de repetidas ciladas que os Guinenses lhe armam. Os rapazes fulas convidam-nas a ir saborear as sementes que servem de isco, dizendo-lhes, repetidas vezes: «rôla, rolinha, anda, passa adiante, apressa-te. Onde estivemos ontem, há óptimo arroz, milho em grão e em papas, que te fartará num instante» (Rousselot)!

Da ganga ou ave trombeteira sabe-se que os Yatengas e os Tuaregues de Kel Tadele (Tauxier, Joubert) jamais ingerem a sua carne, assim como a nenhum

membro da família fula diakhite ou aos Yatengas é permitido servir-se dos despojos das perdizes, de caláos ou de pequenos senegalis; as interdições entre os Yatengas são tão rigorosas que os impedem de pronunciar o nome de certas aves, consideradas tabus (Tauxier).

Com cérebros e línguas dos flamengos faziam, outrora, os Romanos apetecíveis manjares, nada se conhecendo, porém, se, na Guiné ou em Cabo-Verde, essas aves têm tal merecimento.

Em terras de Mandingas e de Beafadas, aparecem águias — a ave que simbolizava a vitória entre os Assírios, Persas e Romanos e que, por isso, se ostentava nos emblemas e nos escudos e tampo dos estandartes.

Antigamente, era tida por mensageira dos deuses, chamada a ave de Júpiter, por voar tão alto; depois da desgraça de Hebe, Júpiter desejando outro copeiro, fez arrebatado Ganimedes por uma águia.

No antigo império egípcio sob o domínio de Mênfis, o falcão simbolizava o deus do sol nascente, representando-se os reis com a ave de asas abertas, a cobri-lhes a cabeça.

Do falcão e seu emprego na arte de volateria, falavam já Aristóteles e Plínio; na Europa do século XIV, esta espécie de caça entusiasmou nobres e plebeus, chegando algumas damas e fidalgos a passear com as aves poisadas no ombro.

Esta elevada classe de falcoaria ainda, hodiernamente, interessa aos Italianos, Chineses e Árabes — adextrando as aves na caça às perdizes, pombos, lebres e gazelas, etc. Na arte de apanhar estes últimos animais, os Árabes utilizam-se de gazelas empalhadas, sobre cujas cabeças, ao cabo de uns dias de abstinência, dão alimento aos falcões esfaimados. Largados, perseguem as rezes, pousam-lhes na cabeça e, espicaçando as ventas aos animais, diminuem-lhes a marcha e facilitam a captura aos caçadores.

Serpentários, mensageiros, aves da sorte e cavalos do diabo — nomes por que também se apelidam os secretários — são espécies aladas que se podem ver na Guiné portuguesa e no vizinho Senegal; destruidoras de cobras e roedores, estas aves podem ser apanhadas a cavalo.

Na Guiné, os Beafadas nunca comem nem molestam os jagudis, aves parecidas com os perus, porque as consideram almas dos seus antepassados, nem permitem maus tratos a quaisquer aves que pousem nas árvores vizinhas das suas palhotas, tomando-as como seus hóspedes.

Palmípede curioso é o paguim, ave muito vulgar na nossa Guiné, por caminhar erectamente como a espécie humana.

Ignoramos se a carne de grou é aqui tida como remédio da longevidade; no

Alentejo, comer despojos desta ave corresponde a ter a certeza de que se ultrapassará uma centena de anos!

Tucanos — aves mais comuns na América do Sul, e de cuja plumagem vermelha e amarela os Índios confeccionam toucados e cobertores, e dos quais os Europeus tanto apreciam as longas penas — igualmente se mostram na Guiné portuguesa.

O rabo de junco ou ave dos trópicos abunda nesta nossa possessão. Lineu chamou-lhe Phaeton, o filho de Apolo e de Clímene que, desejoso de um dia guiar o carro do sol, ia abrazando a terra, tão perto dela se aproximaram os cavalos em corrida desenfreada; foi fulminado por Júpiter, caindo na Itália, em sítio onde, segundo a lenda, hoje corre o rio Pó.

Lindos colibris ou beija-flores, tão abundantes no Brasil e nas Guianas, também há muitos na Guiné portuguesa. Os Mexicanos têm-nos por aves da felicidade, razão por que os elevaram à dignidade de deuses; a Toyamigni, espôsa do deus da guerra, compete conduzir ao céu a alma dos guerreiros mortos em defesa dos deuses, onde são transformados em colibris.

Conforme informa Teschauer, aos colibris andam ligadas muitas lendas, havendo pessoas que asseguram ter visto vermes ou gusanos brancos, criados à superfície das águas estagnadas, transformar-se em mosquitos, por sua vez convertidos em lagartas, e estas em borboletas que, finalmente, se metamorfoseiam em beija-flores! Após seis meses de hibernação ou de morte aparente, os colibris renascem renovados.

Com o maguari e guainumbi ou beija-flor, consideradas aves mensageiras dos Índios, relaciona-se uma lenda corrente no sertão brasileiro: apostaram as duas que seria vencedora aquela que primeiro chegasse à outra margem de um rio determinado, se bem que o beija-flor se houvesse agarrado às pernas da outra para não correr o risco de afogar-se...

Reza também a tradição sul-americana que, em tempos idos, as aves possuíam a faculdade de falar, atributo que posteriormente perderam quasi tôdas; conservaram a fala, entre outros, a gralha e o papagaio — duas espécies ornitológicas, respectivamente, observadas em Cabo Verde e na Guiné.

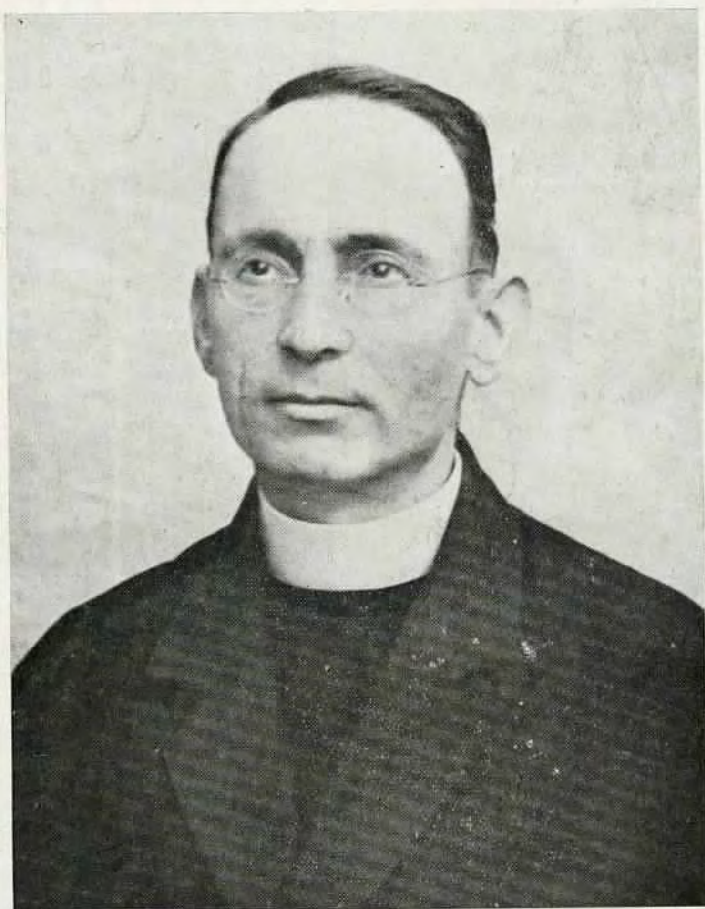
Na Guiné portuguesa é vulgaríssimo o papagaio cinzento, ao qual os Árabes denominam ave-homem. Alexandre ou os seus generais trouxeram-no da Índia e, na Roma antiga, apreciavam bastante a sua carne; pousados nos ombros dos nobres ou dentro de gaiolas de prata e de marfim, os papagaios constituíam jóias valiosas dos senhores florentinos. Os Ameríndios já domesticavam os papagaios quando da chegada de Cristóvão Colombo, apreciando também a sua carne, de que preparavam excelentes caldos.

De cabeças de gralhas, tão daninhas como os corvos, eram os Caboverdeanos

da maça disse q'com'auo q' esse fizea toc rpaoc
 noceia: no ceto alq'ua' un'um negro pa' pua
 pul q'esse ne' auo fihio q'hae aoe portu'guez
 i aoe n'guz q' portu'gal ha' ja rpaoc: Eoe
 o'oe ma'ou q'untar: i onio co'ue fizea: po'
 seu ma'ou de'p'hae: ma'ou l'uar ch'ui
 suo a'xuo pa' g'ite de'p'ha' m'ou seu m'
 l'hae doe p'oc: poe ro'ua ac l'oe doe: i
 rpaoc. **¶** Eoeu' de'p'ha' p'el'ou'ia i
 mem'ou r'ap'ua'ia m'ia q'ie u'le oue: ma'
 dou q'oh' en'ou'uar pa' g'it' job' seu' dem'ou'
 re q'g'u'ard'ue pa' ou' de' g'ram' f'eta.
 h'ua' co'ap'ua' i f'ia'oe a'el'oe' co' g'ao.
¶ E'p'oc do'oe co'ue a'fi' f'ia'oe
 i a'ch'az'oe co'm'ua' f'ueo
 doe: m'ua' hon'ra i g'ite
 l'ou'oe de'p'ha' de'p'ua'ia l'
 m'ou' ou' co' am'ua'iel: ou'ou' ap'ua' r'oc
 f'ia'oe r'au'it' g'ene f'os'ou' co' f'ia' ch'ua'ou'
 i a'ou'oe a'el'oe' seu' g'ua' de' g'ite f'ete
 m' g'uo p'oe' co'm'ua' g'ua'ca i l'io au'ume
 co'. E' de'p'ha' co' ap'ua' l'uar co' u'au'oe
 a'ho' f'ac'uo: p'uo' p'ua' co' r'oc'ua'oe n'ar'e
 q' f'ua' r'el'uar ac co'ue a'ua' ou' m'ua' co'
 re pa' g'g'u'ic'ia de'hae q' g'leua'ia m'ure m'
 ap'ua'oe: E' g'uo co'm'ua'io l'he deo h'ui' f'
 d'ula' de'p'ha' co' seu' f'ac'uo' al'g'ua' co' f'oe
 f'ua' d'ua'ia: co' m'ou'ou' g'eral' q'oe r'p'ua'
 e' seu' f'og'uo' job' seu' e' m'ou' se de'p'ha'
 q'ua' d'ua'ia: i pa' co'po' f'ua'ua'oe: po'q'
 q'ie he o'oe' u'ag'lae q'rae m'ue r'ou'ou' r'af'io
 m'ue au'uo' i o'le'ou'co'. **¶** E' co' f'ia' l'au'ca
 co' n'ar'oe co' d'ua'ia'ua: f'ua' aoe ou'e' de'p'
 h'ia' pa' p'ua'ia m'ua' mal' co'm'ua'io'he i
 m'ua' co'ue' de'm'ua'io'he: co' m'uo' no' a'
 u'ia que se g'ua'ie: ne' f'ou'oe' m'ou'uar i
 f'ou' f'oc'ou'oe' m'ou'co'. **¶** E' p'ou'oe la f'ia'oe
 co' a'ou'oe de'p'ha' de'p'ha' ad'oe ou'e' f'ua'oe seu'
 g'ite p'ua'oe co' u'au'oe m'ia' f'ua'oe q'ie f'ua'
 m'ou'ou' ac a'oe' f'ua' co'ue' r'ap'ua' i a'ua'oe de'
 m'ou'ou' q'ie a'ha' no' m'ar' f'ua' co'm'ua'io'
 ioe: i g'em' de'p'ha' co' m'ou'ou' co' f'ua' f'ia' co'm'ua'io'
 co'm'ua'io' de'm'ou' co' p'ua' co' u'au'ua' q'ua'
 no' h'ad'uo' ne' co'm'ua'io' co' e' a'fi' h'oe' f'et' m'
 co' m'ua'oe g'ua'ua'oe de'hae f'ua'ha' de'm'ou'
 g'ua'ha'oe m'el' u'au'oe co'm'ua'io' i f'ua'oe r'ou'
 se co'ue' pa' f'ue' m'ua'ua'oe: i d'ou'ou'
 a'oe' a'ou'e' se de'm'ua'io' u'au'oe r'oc' de'p'ha'
 f'ua' de'm'ua'io' co'm'ua'io' l'ou'oe co'm'ua'io' de'p'
 co'm'ua'io' de' r'p'ua'oe u'ia a'ou'e' de'p'ha' co'
 m'ou'ou'co'uo'.
¶ E' ou' q'oe r'p'ua'oe e'ua'ia' u'ia co'm'ua'
 f'ua' de'm'ua'io' q'ie co'm'ua'io' de'p'ha'oe: i co' g'ua'
 de' q'rou'oe: i f'ua' f'og'uo' q'ou'ua'oe co'
 l'ua'oe co'ue' q'ra'oe h'ou'g'ue'oe i'ou'oe: pa'
 ou'e' f'ua' co' p'ua' e' h'oe' q'ra'oe. **¶** E' co'm'ou' co'
 f'ac'ou'oe' f'ua' q'el'oe' co'm'ua'io' p'ua' co'm'ua'io'
 i f'ia'oe m'ua'oe g'ua'ua'oe h'ou'e' f'ua'ha'oe f'ia'oe
 m'ou'oe co'm'ua'io' de'm'ua'io' co'ue' r'ap'ua'
 f'ua'oe f'ua'ua'oe: u'ia'oe co' f'ua' f'ua'ua'oe: i
 q'ie ou'e' co' ou'e' f'ua'ua'oe: q'ra'oe: i a'fi'
 co'm'ua'io' f'ua' ou'e' r'oc'oe f'ua' f'ua'ua'oe d'ua'
 h'ua'oe co' m'ua'oe a'ou'e'oe co'm'ua'io' r'ap'ua'
 q'ie r'ou'oe m'ua'oe q'ra'ua'oe: co'm'ua'io' co'm'ua'
 m'ua'oe l'ou'ou'oe de'p'ha'oe r'ap'ua'oe: r'ap'ua'
 f'ua'oe f'ua'oe q'ra'ua'oe co'm'ua'io' q'ra'oe. **¶** E' ne'
 f'ua' ou'e'ua'oe co'm'ua'io' a'ou'e' e' h'oe' q'ra'ua'oe e' h'ua'
 f'ua'ua'oe co'm'ua'io' f'ua'ua'oe co'm'ua'io' co'm'ua'io'
 f'ua' co'm'ua'io' i p'ou'oe d'ua'ia' q'ra'ua'oe co'm'ua'io'
 co' m'ua' d'ua'ia' pa' co'm'ua'io' co' h'ua' co'm'ua'io' i

(Arquivo de «Portugal» em África)

Reprodução fotográfica da página da crónica de Rui de Piná em que se inicia o cap. LIX do tōmo II: «Hida do capitã e frades a elRey de cōgo» (Arquivo Nacional da Tôrre do Tombo)



Arquivo de «Portugal em África»

P.º José Alves Têrças

antigos obrigados a entregar, anualmente, às Câmaras Municipais, certo número, tal como acontecia na Metrópole com os pardais — os *chicotos* das ilhas de S. Tiago e Fogo — cuja carne, além de óptimo produto alimentar, encerra virtudes terapêuticas especiais.

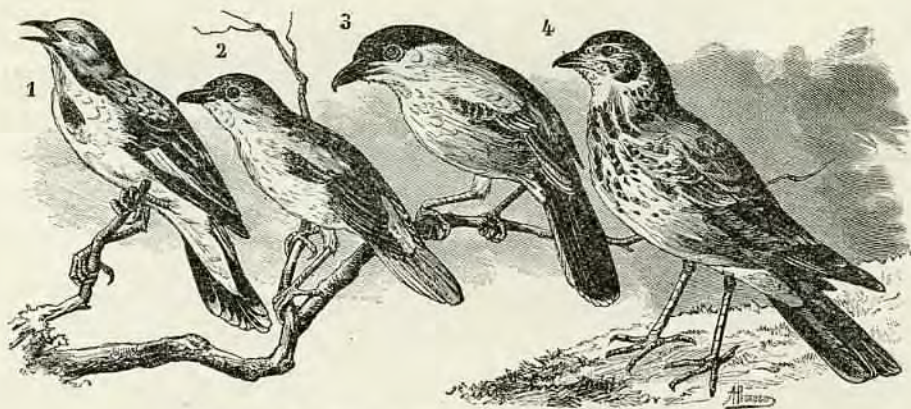
E, não poremos têrmo a êste artigo sem citar outra ave interessantíssima: o avisador do crocodilo — designação que lhe impuseram os Árabes; trata-se duma pernalta a que os Fulas chamam ave da areia, a tarambola dos Egípcios. Quando o réptil se expõe ao sol, o passarito sobrevoa-o e, célere, introduz-se sem mêdo nas fauces hiantes e hediondas do monstro; entra na bôca escancarada do sáurio com o fito de retirar-lhe de entre os dentes as partículas de carne e apanhar os vermes que as infestam.

O crocodilo nunca importuna o seu comensal; é que êste, além de ser agente de limpeza bucal, ao pressentir qualquer animal perigoso para o réptil, salta, rápidamente, para cima das mandíbulas e não se cansa de as picar enquanto o lagarto não se precipitar nas águas fundas do rio ou da lagoa das cercanias. Também a tarambola armada do Senegal, ave odiada pelos caçadores, dá sinal da presença dêles aos animais da selva.

BIBLIOGRAFIA

- ALMEIDA (ANTÓNIO DE) — *Das mutilações étnicas dos indigenas da Guiné Portuguesa*, in *Actas do Congresso Colonial de 1940*. Lisboa.
- ALMEIDA (ANTÓNIO DE) — *Das mutilações étnicas dos naturais de Cabo Verde*, in *Boletim Geral das Colónias*. Lisboa, 1937.
- ALMEIDA (ANTÓNIO DE) — *Etnografia geral das Colónias Portuguesas*. II — Vida Material (em elaboração).
- ALMEIDA (ANTÓNIO DE) — *Algumas superstições indigenas da Guiné e de Cabo Verde*. Palestra da série «Império Português» organizada pela Agência Geral das Colónias. Lisboa, 1942.
- BARBOSA (OCTÁVIO C. GOMES) — *Usos e costumes de Cabo Verde*. Inédito. Lisboa, 1938.
- BOCAGE (J. V. BARBOSA DU) — *Aves e réptis de Cabo Verde*, in *Jornal de Sciencias Mathematicas, Phisicas e Naturais*. 2.^a série, tómo VI, n.º XXIV. Lisboa, 1904.
- BOCAGE (J. V. BARBOSA DU) — *Aves da Ilha de S. Nicolau, Archipelago de Cabo Verde*, in *Jornal de Sciencias Mathematicas, Phisicas e Naturais*. 2.^a série, tómo VII, n.º XXV. Lisboa, 1903.
- BRAGA (THEOPHILO) — *O povo português nos seus costumes, crenças e tradições*. 2 volumes. Lisboa, 1885.
- CHOMPRÉ — *Dicionário de Fábula* (tradução portuguesa). Paris.
- COSTA (EMÍLIA DE SOUSA) — *Feialinda*. Lisboa, 1930.
- COUPIN (HENRI) — *Les arts et les métiers chez les animaux*. Paris, 1931.
- FERNANDES (GONÇALVES) — *O folclore mágico do Nordeste*. Rio de Janeiro, 1938.
- FERNANDES (JAIMÉ COUTINHO) — *Resposta ao Questionário Etnográfico*, publicado no apenso ao *Boletim Oficial*, n.º 20, sôbre os habitantes do Concelho de Bissau.
- GARCIA (LUIS CORREIA) — *Idem*, idem da Circunscrição Civil de Farim.
- JOUBERT — *Les coutumes et le droit chez les Kôl Tadélé*, in *Bulletin d'Institut Français d'Afrique Noire*. Tómo I, n.º 1. Paris, 1939.
- LABOURET (H.) — *Les Mandingues et leur langue*. Paris, 1934.
- LERENO (ANTÓNIO MANUEL DA COSTA) — *Archivos Médico-Coloniais*. Tomo I. Lisboa, 1891.

- LIMA (J. LOPES DE) — *Ensaio estatístico das Possessões Portuguesas*. I. Lisboa, 1844.
- MATOS (ANTÓNIO DE OLIVEIRA) — *Compêndio de História Universal*. Lisboa, 1932.
- MATOS (JÚLIO DE) — *História Natural*. Volumes 4, 5 e 6. Pôrto, 1880.
- MONTEIRO (AUGUSTO SACRAMENTO) — *Resposta ao Questionário Etnográfico*, publicado no apenso ao *Boletim Oficial*, n.º 20, sobre os habitantes da Circunscrição Civil de Canchungo.
- POSSER — *Maravilhas da Criação*. Lisboa, 1880.
- RODRIGUES (NINA) — *Africanos no Brasil*. Rio de Janeiro, 1935.
- ROUSSELOT (R.) — *La faune ornithologique du cercle de Mopti*, in *Bulletin d'Institut Français d'Afrique Noire*. Têmo I, n.º 1. Paris, 1939.
- SIMÕES (LANDERSET) — *Babel Negra*. Pôrto, 1935.
- TAUXIER (LOUIS) — *Novers et histoire des Peuls*. Paris, 1937.
- TESCHAUER (CARLOS) — *Algumas notas sobre ethnologia e «folklore» en flora e arifauna do Brasil*, in *Archivo do Museu Nacional do Rio de Janeiro*. Vol. XXII. 1919.
- VASCONCELOS (J. LEITE DE) — *Etnografia Portuguesa*. 2 volumes. Lisboa, 1931 e 1936.
- VEIGA (EUGENIO VELOSO DA) — *Resposta ao Questionário Etnográfico*, publicado no apenso ao *Boletim Oficial*, n.º 20, sobre os habitantes da Circunscrição Civil de Gabu.
- VIEGAS (L. A. DE CARVALHO) — *Guiné Portuguesa*. Bolama, 1938.
- WAHNON (ERNESTO LIMA) — *Resposta ao Questionário Etnográfico*, publicado no apenso ao *Boletim Oficial*, n.º 20, sobre os habitantes da Circunscrição Civil de Farim.
- Resposta ao Questionário Etnográfico*, publicado no apenso ao *Boletim Oficial*, n.º 20, sobre os habitantes da Circunscrição Civil de Bafatá.



NAS MARGENS DO CUANGO (ANGOLA)

- 1 — *Crateropus gutturalis* (muluambudja), 2 — *Cossypha cajáçil*,
 3 — *Telephonus castata*, 4 — *Anthus pallescens* (canunzo)